



A POÉTICA DA DOR: MARIA, FRIDA E CAMILLE.

**DAIELLO, Angélica W.F.¹; GRILLO, Rute dos Santos²; SILVA, Rebecca Corrêa e³;
MARTINELLI, Stella⁴; SILVA, Úrsula Rosa da⁵.**

¹Acad. Lic. Filosofia (Ufpel), angelicawfd@gmail.com; ² Bach. Artes Visuais (UFPel); ³ Acad. Lic. Artes Visuais (UFPel); ⁴ Acad. Lic. Artes Visuais (UFPel); ⁵ Profa.Orientadora ,Dra.História (PUC/RS), D^{anda}. Educação (UFPel) [profa.Instituto de Artes e Design \(UFPel\). bear@ufpel.edu.br](mailto:profa.Instituto de Artes e Design (UFPel). bear@ufpel.edu.br)

1. UMA REFLEXÃO INTRODUTÓRIA

Este texto busca a compreensão da poética de duas escultoras e uma pintora, fazendo um sobrevôo em suas biografias e uma análise em suas principais obras, aproximando seus contextos pictóricos.

O texto presente trata das representações da dor na obra de três grandes mulheres: Maria Martins, Frida Kahlo e Camille Claudel, bem como as aproximações e distanciamentos em suas formas de expressão. As três foram personagens históricas a frente de seu tempo, corajosas e autênticas, mantendo em suas obras um forte tom autobiográfico de força, superação e mergulho em si mesmas. Na relação consigo, na relação com o outro, as artistas expressaram grande intensidade e coesão poética, e em suas obras fica documentado a forte identidade artística desses três gênios da História da Arte. Este trabalho analisa as possíveis aproximações entre a expressão de cada uma, respeitando seus universos de criação, busca uma unidade entre as particularidades de expressões diversas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho está sendo realizado através de levantamento bibliográfico e biográfico, levantamento de arquivos de dados, elaboração de banco de acervo textual e acervo de imagens, análise do material obtido, contextualização de idéias, acontecimentos e representações pictóricas, caracterização de relações culturais, afetivas e políticas, bem como, elaboração de hipóteses a serem avaliadas.

3. UMA PRÉVIA DA VIDA E OBRA

Maria Martins, no Brasil, seu país de origem era a personagem pública, esposa do Embaixador Carlos Martins. Em seu íntimo, uma mulher vibrante, abstrata, apaixonada pela cultura brasileira, por pessoas e lugares. No exterior, a artista brilhante e reconhecida.

Em 1926, casa-se com o Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Carlos Martins. Em decorrência da profissão do marido, a família faz diversas viagens, o que propicia à Maria, a expansão de conhecimentos de técnicas de escultura. Em

Quito, a artista aprende a esculpir em madeira. No Japão, trabalha com a terracota. Em Bruxelas se aprimora na terracota. Em Washington, se apaixona pelo bronze.

Maria Martins tem em sua obra vários elementos como formas humanas híbridas de animais e plantas, extremidades bem marcadas, mãos, pés e rostos se confundem com raízes. As texturas são de caules porosos ou polidas e reluzentes. De volumes constantes, arredondados ou com extremidades conotando expansão e ascensão. A violência das relações entre os seres, o movimento e a força dos corpos e a densidade volumétrica das almas, em um dualismo quase ausente, fazem das obras de Maria Martins, uma síntese do humano, animal e ascensão, homem, mulher e planta, solidão e mistura, extremidades e troncos. Maria desconstrói corpos, constrói abstrações, brinca com o épico.

Frida Kahlo nasceu no subúrbio da Cidade do México, em 1907 e retratou em sua obra uma vida turbulenta, marcada por sofrimentos físicos intensos, uma paixão arrebatadora por um homem que a amava e traía, amor pelas cores e folclore de seu país. A sua existência aconteceu em um momento histórico em que a luta pelas mudanças sociais ganha força, Frida incorpora sua alma a essa luta, mostrando em seus quadros a força de seu povo, do qual ela ainda hoje é um ícone.

Aos 18 anos, a artista sofre um gravíssimo acidente onde seu frágil corpo fica mutilado. O acidente definiu de certa forma, sua vida. Por passar muito tempo imóvel, Frida começou a pintar. Talvez tenha começado dessa forma um amor que durou até o fim da vida: pintar auto-retratos, pintar seus próprios olhos imóveis, penetrantes e vivos. Aos 20 anos, Frida conhece Diego Rivera. Kahlo acompanha o marido em suas viagens para os Estados Unidos. A saudade de sua terra tornou-se inspiração cada vez mais forte. A artista vai desenvolvendo um estilo único e vai ganhando espaço por seu próprio trabalho. Em 1954, morre o ícone da cultura e do calor de um povo, Frida Kahlo.

Frida Kahlo representa em suas obras, amor, suas raízes, a dor física, a dor psíquica pelos abortos, por seu ventre dilacerado, mas também mostra a mulher que sobrevive ao sofrimento por sua grande integridade emocional e vontade de viver, a mulher que transforma sofrimento em arte. A dor, em Kahlo é retratada com cores vibrantes, com certa característica visceral, o coração que sofre, o ventre que sangra, a coluna partida, o olhar impassível que observa e é observado. Então a dor é quase tão quente quanto a própria vida. Seu mundo pictórico supera a dor e a transforma em alegria de viver. Frida pinta o universo feminino, os dualismos como opostos necessários e complementares. Pinta a si mesma, a mulher fortalecida por sua cultura e a saudade de sua terra, a mulher domesticada, a mãe que morre um pouco a cada nascimento de seu filho, vive e morre a vida e morte de seus filhos. A mulher que se reconstrói poeticamente.

Camille Claudel, escultora, nascida em 1864, em Tardenois. Desde pequena demonstra talento artístico e personalidade forte. Aos dezessete anos, Camille, a família mudou-se para Paris, onde ela começa seus estudos sobre escultura. Logo depois, ela conhece Auguste Rodin, com quem tem aulas. Claudel foi a primeira mulher a ter aulas com o escultor. Dessa relação aluna-professor nasce um relacionamento amoroso que baliza a vida de Claudel, bem como sua obra a partir de então.

Em um ambiente preconceituoso, Camille foi desbravadora quando assumiu seu amor e passou a viver como amante de Rodin, tanto quando passou a trabalhar com escultura em bronze, nicho especificamente masculino.

O relacionamento de Camille e Auguste não sobreviveu às dificuldades e brigas, em 1898, ocorre a separação definitiva. Daí para frente, Camille desenvolve

um distúrbio mental que se agrava dia a dia. Ela tem alucinações, produz obras e as destrói, com medo de ser roubada por Rodin. É internada pela família e morre trinta anos depois, pobre, sozinha e sem reconhecimento.

Camille demonstra em suas obras todo o movimento emocional de sua vida, suas etapas felizes, suas tristezas, sua obra passa de um relato simples de seu cotidiano a um mergulho na dor. Claudel cria, em suas esculturas, uma dança, onde movimento e corpos se fundem e se inclinam em busca de algo. A poética dos corpos que dançam, que se apóiam um no outro, que se equilibram mutuamente, é percebida nas fases boas de seu relacionamento amoroso, onde as representações pictóricas dos dois artistas se confunde. A dramaticidade que Claudel propõe com o uso de texturas ásperas, saliências e reentrâncias, demonstra sua natureza passional, a vertigem do indivíduo que passa, perece frente à magnitude da passagem do tempo.

3. ALGUNS EIXOS TEMÁTICOS PARA APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Nas obras destas três mulheres percebemos que são retratados alguns aspectos fundamentais de análise como a relação da artista consigo, a relação com o outro e com a própria obra.

Como as artistas representam, lidam com a ausência? Ou com a presença da ausência? Todas elas tiveram grandes perdas em suas vidas, mas representaram de formas muito diferentes. A perda de filhos, de sonhos, de amores... As três artistas buscaram preencher os espaços vazios fortemente, porém enquanto Frida usava a sua imagem, as cenas cotidianas, sua própria cultura e muitas cores nessa representação de ausência, Camille personificava ao usar rostos expressivos, quase vivos em seu frio bronze. Maria abstraía, imaginava, criava as formas que preenchiam os vãos.

Como a artista vê a passagem do tempo, o decorrer da vida? Como a obra das artistas é altamente autobiográfica, é bastante perceptível elementos de passagens de suas próprias vidas. Através da análise de três obras, buscaremos esse paralelo.

Camille Claudel, em sua obra, chamada “O Clotho”, retrata um corpo velho, sem braços ou pernas. Cujas coloração remete a algum fungo que o consome. O ventre inchado como quem tem ainda algo a expelir. As costelas estão à mostra, a pele é flácida, os seios murchos. A expressão mostra tranquilidade, a boca quase sorri, em antagonismo coerente entre a decadência do corpo e a libertação da alma. A coluna longa mantém o corpo ereto, porém a cabeça tomba, como se percorrendo o caminho da base à ascensão, no fim, a vestimenta velha, no desvio sorri em despedida.

“A Soma de Nossos Dias”, de Maria Martins, consiste em uma estrutura que lembra uma coluna vertebral, humana ou de peixe, pois há projeções pontiagudas em cada um dos segmentos da coluna. Na base há o negativo de uma cauda de peixe como um reflexo do que está mergulhado no fluido denso logo abaixo da superfície. Na parte superior, dois segmentos ganham movimento como pedaços de tecido sofrendo pressão do vento, como delicadas asas de estanho. Apontando para cima, um apêndice ergue-se lembrando mãos em prece ou em mergulho. E assim, o trajeto da vida vai de um mergulho a outro, seguindo o caminho da coluna a densidade dos seres é modificada, passando da profundidade à ascensão.

Frida Kahlo, em 1945, pinta “Árvore da esperança, mantém-te firme”. Nesta obra há uma ruptura brusca entre dia e noite. Em toda a extensão centro-horizontal há uma maca onde repousa um corpo feminino inerte, a coluna com suturas profundas ainda sangrando. O corpo dilacerado é iluminado pelo sol. À esquerda está sentada Frida, iluminada pela lua, observa impassível o olho de quem observa o quadro. Seu vestido e as flores em seu cabelo são vermelhos. As mãos transpassadas repousam em seu colo, com a esquerda ergue uma bandeira onde está escrito “Árvore da Esperança, mantém-te firme”. Frida demonstra a força que reage ao sofrimento, o vermelho mostra a paixão pela vida. O olhar firme demonstra a decisão de andar pela vida com coragem e integridade emocional.

O dualismo entre o “eu lírico” e o “eu para o outro”. Frida em toda extensão de sua obra deixa claro que, acima de tudo é seu próprio centro. Mesmo com toda a intensidade de seus sentimentos pelo mundo externo, a artista volta-se para si mesma a cada crise ou vitória, ela é sua constante. Camille busca olhar para o outro tão intensamente que se perde de si mesma, sua arte é ponto de confluência entre a busca pelo outro e sua pousada. Maria mostra em suas obras, tantos elementos que o dualismo parece natural e formativo. Para a artista o outro e o tempo se fundem no movimento abstrato de sua natureza.

5. PONDERAÇÕES FINAIS

Frida Kahlo, Maria Martins e Camille Claudel, retratam o universo feminino, mas mais do que isso, o universo humano. Três mulheres de personalidade forte e expressão que superam o tempo.

Maria, irreverente, sensual, que apaixonava e se apaixonava, viveu intensamente um amor de toda a vida com seu marido, seu amor e seu chão, assim como amou outros tantos homens, lugares e paixões intelectuais. Maria viu a unidade de si mesma no dualismo e com isso incorporou beleza, abstrata, plantas, animais, em um híbrido de fantasia e texturas de sua terra. A artista viveu em sua extensão, em sua ascensão, em sua liberdade, mas sempre voltou às suas origens.

Camille personificou seus sentimentos e produziu esculturas figurativas, densas e vivas. Camille viveu em sua obra. Corajosa, enfrentou os costumes de uma época para amar um homem e para esculpir em bronze. Suas esculturas são luminosas, dramáticas.

Frida viveu, sentiu dor, sofreu, amou, beijou homens e mulheres, trançou seus cabelos, tirou foto nua, pintou cores, pintou seu rosto tantas e tantas vezes. Frida se superou.

É possível dizer que talvez não haja um ser humano que desconheça a dor, seja ela física ou psíquica. Porém, transformar dor em poesia, em arte é dar um passo além, divino ainda que humano. Exige coragem, gênio, técnica, paixão e alma, profundidade e mergulho.

6. BIBLIOGRAFIA

KETTENMANN, Andrea. **Frida Kahlo (1907-1954): Dor e Paixão**. Lisboa: Taschen, 1994.

LAIDLAW, Jill A. **Frida Kahlo**. Tradução Maria da Anunciação Rodrigues. São Paulo: Ática, 2004 (Grandes Mestres).

CALLADO, Ana Arruda. **Maria Martins: uma biografia**. Rio de Janeiro: Griphus, 2004.

STANGOS, Nikos Org. **Conceitos de arte moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
COELHO, Teixeira. **A experiência surreal**. Revista Bravo, p.162-168 ano 4, n. 47, 2001.
WAHBA, Liliana Liviano. **Camille Claudel: Criação e Loucura**. 3^o ed. Rosa dos Tempos. 1998
MARCHETTI-LECA, Pascal. **Camille Claudel paixão talhada em pedra**. História Viva, Pinheiros SP, Ano 1, No 10, agosto.2004.